EDUCAÇÃO MUSICAL COMO LINGUAGEM TECNOLÓGICA DIGITAL EM COMUNIDADES DE PRÁTICA

Creidiane Muniz Conceição Brito[1]
José Antônio Carneiro Leão[2]
Marcus Alves de Santana[3]

Eixo 1 – (Geo)Tecnologias, IA Generativa e Pesquisa em Educação

Resumo

Este estudo tem como objetivo geral destacar a música enquanto linguagem tecnológica no contexto da educação básica contemporânea, considerando o avanço das tecnologias digitais e sua articulação com a formação dos sujeitos em comunidades de prática. Sendo assim, foi proposto saber: de que forma a música pode ser trabalhada como linguagem tecnológica em uma comunidade de prática? A justificativa parte do reconhecimento de que a música, historicamente ligada a recursos técnicos - dos instrumentos à notação - adquire novos contornos ao ser mediada por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), que ampliam as possibilidades de criação, escuta, compartilhamento e aprendizagem musical. O pressuposto teórico e metodológico aponta para possibilidades de aprendizagem musical no contexto digital, como comunidades de prática que favorecem a construção do conhecimento colaborativo, a partir do uso de aplicativos e *softwares* no ensino de música. A metodologia adotada possui uma abordagem qualitativa, com base em revisão de literatura, abrangendo autores clássicos e contemporâneos da educação musical, da pedagogia crítica e das comunidades de prática para aprendizagem individual e coletiva. Os resultados indicam que a música, ao ser entendida como linguagem expressiva, possui potencial formativo e educativo ao integrar-se às práticas colaborativas e tecnológicas. Portanto, a aprendizagem musical pode ser significativamente enriquecida quando situada em ambientes coletivos mediados por tecnologias, como as comunidades de prática, nas quais os saberes são compartilhados, ressignificados e alinhados às vivências dos estudantes. O que pode vir a promover o desenvolvimento da identidade musical dos participantes e fortalecer a construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: Comunidades de Prática. Educação Musical. Tecnologias Digitais

[1] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Mestranda GESTEC; munizcreidiane@gmail.com.
[2] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Professor Doutor Permanente GESTEC; jleao@uneb.br.
[3] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Mestrando GESTEC; marcussantanauneb@gmail.com.

ISSN 2674-7227

Introdução

Em meio à presença constante das tecnologias digitais, a educação musical ganha novas possibilidades de atuação. Desde a Antiguidade, a música esteve ligada a recursos técnicos – instrumentos, notações e espaços acústicos. Hoje, as tecnologias digitais ampliam e diversificam as formas de produzir, acessar e ensinar música, transformando também as práticas pedagógicas escolares.

Na perspectiva das Comunidades de Prática (Lave; Wenger, 1991), o fazer musical é visto como linguagem viva, coletiva e mediada por tecnologias contemporâneas. As TICs ampliam as experiências musicais no contexto escolar (Simão; Sposito; Moraes, 2017), permitindo vivências conectadas à realidade dos estudantes. Para Gatti (2021), a musicalidade, ainda que não verbal, comunica emoções e sentidos, aproximando-se das estruturas expressivas da linguagem falada.

A articulação entre linguagem musical, tecnologia e educação favorece uma formação sensível, criativa e crítica. As comunidades de prática, nesse contexto, tornam-se espaços colaborativos onde saberes musicais são construídos e ressignificados por meio da interação entre estudantes, tecnologias digitais e experiências vividas.

Este estudo busca entender como a música pode ser trabalhada como linguagem tecnológica em uma comunidade de prática.

Metodologia

A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em revisão de literatura sobre educação musical, comunidades de prática, tecnologias digitais e formação de sujeitos. Foram analisadas produções acadêmicas relevantes, com destaque para autores como Lave e Wenger, Paulo Freire, Gramsci e Jaeger, visando aprofundar a compreensão da música como linguagem educativa mediada por tecnologias em comunidade de prática para a construção do conhecimento colaborativo.

Educação musical para a formação dos sujeitos

Desde a Antiguidade, a música é vista como essencial à educação. Em *A República*, Platão (2006, p. 102) afirma que “a educação musical é a parte principal da educação”, pois ritmo e harmonia penetram na alma, moldando caráter e sensibilidade. Para o filósofo, a música atua diretamente sobre os afetos e a moral, contribuindo para o equilíbrio interior e a formação ética do cidadão.

ISSN 2674-7227

Para Platão, a educação musical é essencial à formação integral do cidadão, unindo ética, sensibilidade e razão. Séculos depois, Gramsci (1976) reafirma o papel central da educação como prática social e cultural, indispensável à formação de sujeitos críticos e historicamente situados.

Para Jaeger, em *Paideia*, a arte grega, especialmente até o século IV a.C., refletia os ideais coletivos e formava culturalmente o povo. Embora as artes visuais fossem marcantes, era na literatura e na música que se concentrava a verdadeira força educativa. A educação grega valorizava som, palavra, ritmo e harmonia como instrumentos de autoformação. Como afirma Jaeger (1995, p. 18), "[...] os verdadeiros representantes da paidéia grega não são os artistas mudos [...], mas os poetas e os músicos [...]".

Jaeger destaca a centralidade da linguagem sonora — música e poesia — na formação grega. Para ele, são as expressões vivas do som e da palavra que moldam a alma humana, mais do que as artes visuais. Ritmo e harmonia, integrados ao logos, constituem uma linguagem educativa capaz de formar sentimentos, valores e condutas, revelando a música como caminho essencial para a formação integral do sujeito.

Educação musical digital na contemporaneidade

Simão, Sposito e Moraes (2017) destacam que, na contemporaneidade, o avanço tecnológico amplia as formas de comunicação, aprendizagem e interação com a música. Dos sons simples em celulares a sinfonias com sons sintetizados, a música está profundamente entrelaçada aos recursos digitais.

Nesse contexto, as TDICs são vistas como aliadas do ensino musical, sobretudo na escola. Recursos como televisores, celulares, aplicativos e softwares ampliam as possibilidades pedagógicas. Um exemplo é o MuseScore, software livre que permite composições colaborativas, alinhando-se às práticas contemporâneas com uso de Inteligência Artificial.

A partir dessas possibilidades contemporâneas, propõe-se integrar esses dispositivos ao ensino de música, a fim de criar experiências educativas significativas, conectadas ao universo dos estudantes e às suas práticas culturais digitais. Como afirma Gramsci (1976), a educação é um processo formativo humano, que deve estar alinhado ao tempo histórico em que o sujeito está inserido, considerando seus contextos e suas ferramentas contemporâneas. Considerando que esse processo, através da música também são heranças não apenas eurocêntricas, mas de identidades afroameríndias no Brasil e em outros países.

ISSN 2674-7227

Comunidades de Práticas para promoção da aprendizagem colaborativa

Para Lave e Wenger (1991), as Comunidades de Prática (CoPs) nascem da colaboração entre indivíduos e da aprendizagem gerada em suas interações. Essa abordagem amplia a visão de que o conhecimento não se restringe às instituições formais, emergindo também de contextos sociais e culturais informais.

Bernarski e Zych (2008) defendem que a aprendizagem colaborativa ocorre por meio da troca de saberes entre pares. Para Torres e Irala (2015), ela estimula pensamento crítico, interação e resolução conjunta de problemas. Como ressalta Morris (2004), trata-se da "soma de mentes", e não apenas de mãos, valorizando a contribuição singular de cada participante.

Wenger (1998) destaca que as Comunidades de Prática se constroem por meio de relações significativas, voltadas ao desenvolvimento coletivo de habilidades. O engajamento do grupo depende do interesse comum e da identificação com o tema. Neste estudo, a música é compreendida como o elemento agregador que mobiliza práticas colaborativas.

Resultados e discussões

Gatti (2021), com base em Ricardo Barbosa, propõe que a música pode ser compreendida como linguagem por sua forte dimensão expressiva. Embora não verbal, organiza sons de forma significativa, evocando emoções e sentidos. Dialogando com Adorno, Habermas e Kant, o autor vê na música uma ampliação da função expressiva da linguagem. Assim como Wenger (1998), Gramsci (1976) também valoriza a colaboração como base da aprendizagem. Nesse sentido, Freire (2019) afirma: "ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si", reforçando a importância do diálogo e da troca de experiências.

Considerações finais

Este estudo propõe o ensino de música baseado em comunidades de prática, integrando recursos digitais do cotidiano. Embora a tecnologia sempre tenha acompanhado a música, os ambientes digitais ampliam as possibilidades de criação e compartilhamento. As CoPs favorecem a ressignificação dos saberes musicais por meio da interação entre sujeitos e tecnologias. Assim, o ensino musical se torna uma vivência colaborativa, na qual linguagem, expressão e formação coletiva se fortalecem mutuamente.

A proposta apresentada neste estudo sugere o ensino de música a partir de comunidades de prática, utilizando recursos digitais disponíveis em computadores e dispositivos móveis

ISSN 2674-7227

como meios para desenvolver práticas musicais na escola básica. Essa abordagem aproxima a linguagem tecnológica das vivências musicais cotidianas dos estudantes, enquanto linguagem geotecnológica.

Embora a tecnologia sempre tenha feito parte da história da música - desde os instrumentos até os sistemas de notação - o ambiente digital amplia significativamente as possibilidades de acesso, criação e compartilhamento musical. Nesse contexto, a educação musical assume novos contornos ao se integrar a comunidades de prática.

Esses espaços colaborativos favorecem a circulação, experimentação e ressignificação dos saberes musicais por meio da interação entre sujeitos, tecnologias digitais e suas experiências vividas. A música, compreendida como linguagem expressiva e formadora, encontra nessas comunidades um ambiente propício para o compartilhamento de sentidos, a aprendizagem significativa e o desenvolvimento da identidade musical.

Desse modo, o ensino de música mediado por tecnologias digitais ultrapassa a simples transmissão de conteúdos. Ele se configura como uma vivência intersubjetiva e colaborativa, na qual cada integrante contribui com suas referências, escutas e criações, fortalecendo o vínculo entre linguagem, expressão e formação coletiva.

REFERÊNCIAS

BERNARSKI, Elza Luiza Filus; ZYCH, Anizia Costa. Aprendizagem colaborativa aplicada numa sala de recursos. [2008?]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2052-8.pdf>. Acesso em: 23 maio 2025.

BOCCA, Hugo de Oliveira Verardi; GONÇALVES, Jean Carlos. Música, linguagem e formação estética: um estudo em perspectiva dialógica. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 34, e20210106, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-0106>. Acesso em: 20 maio 2025.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

CASTANHEIRA, Carolina Parizzi. *De Institutione Musica*, de Boécio – Livro 1: tradução e comentários. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

ISSN 2674-7227

GATTI, Luciano. Sobre linguagem e expressão na música. *Viso: Cadernos de Estética Aplicada*, Guarulhos, v. 15, n. 29, p. 435–450, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1981-4062/v29i/410>. Acesso em: 21 maio 2025.

GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos*. Lisboa: Seara Nova, 1976.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MORRIS, Thomas. *E se Aristóteles dirigisse a General Motors?: a nova alma das organizações*. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues; Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PLATÃO. *A república*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

SIMÃO, Ana Paula Martos; SPOSITO, Tauan Gonzalez; MORAES, Renato Segati de. Música eletroacústica na sala de aula. *Música na Educação Básica*, Londrina, v. 8, n. 9, p. 8–19, 2017. Disponível em: <https://www.abemeducacaomusical.com.br>. Acesso em: 20 maio 2025.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. In: *Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento*. Coleção Agrinho. 2015. p. 61–94.

WENGER, Etienne. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ISSN 2674-7227